

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES.

Nicolle Ribeiro Ferraco<sup>1</sup>

Danúbia Aires<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo, investigar quais são os principais desafios, bem como, as possibilidades encontradas pelos professores de educação física no cotidiano das aulas, no tocante a inclusão de crianças autistas. De forma específica, propôs-se: analisar os documentos que orientam a educação especial e a educação física no município de Vitória; descrever e analisar os desafios e possibilidades encontrados por dois professores de educação física no tocante à inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física. Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico acerca do tema proposto. Optamos por realizar uma pesquisa de campo em duas escolas localizadas na capital, sendo proposta a realização de uma entrevista semiestruturada com dois professores de educação física. Os resultados que obtivemos não foi diferente dos demais trabalhos, artigos, tese publicados, visto que os mesmos problemas sobre o não conseguir incluir os alunos com transtorno do espectro do autismo nas aulas de educação física. O que nos faz refletir no que mudar em relação ao trabalho que os professores de educação física propõe, para que de tal maneira, a educação escolar garanta a inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física.

**Palavras-chave:** *educação física escolar. autismo. inclusão*

## ABSTRACT

The present research aims to investigate what are the main challenges, as well as the possibilities found by physical education teachers in the daily life of classes, regarding the inclusion of autistic children. Specifically, it was proposed: to analyze the documents that guide special education and physical education in the city of Vitória; to describe and analyze the challenges and possibilities encountered by two physical education teachers regarding the inclusion of autistic children in physical education classes. Initially, a bibliographic survey was carried out on the proposed theme. We chose to carry out a field research in two schools located in the capital, being proposed to carry out a semi-structured interview with two physical education teachers. The results what we obtaneid was not different from the other

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: [Nicolleferraco@hotmail.com](mailto:Nicolleferraco@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciatura Plena em Educação Física, Mestre em Educação/UFRJ. E-mail: [dsouza@souunisaes.br](mailto:dsouza@souunisaes.br)

Works, articles, thesis published, since the same problems about not being able to include students with autism spectrum disorder in physical education classes. Wich makes us reflect on what to change in relation to the work that physical education teachers propose, so that, in such a way, school education guarantees the inclusion of autistic children in physical education classes.

PALAVRAS-CHAVE: school physical education.autism. inclusion

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como problema a ser investigado as possibilidades e desafios encontradas por dois professores de educação física que lecionam em duas escolas, um leciona na EMEF Aristóbulo Barbosa Leão e o outro no EEEFM Hildebrando Lucas, em relação a inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar. O objetivo desse trabalho está no analisar sobre as possíveis possibilidades e desafios com referência dos documentos da educação especial municipal e nacional e o documento referente à educação física.

A intenção de estudar a temática em questão, surgiu devido a uma experiência de estágio realizada em uma escola de ensino fundamental localizada na Grande Vitória. A qual foi possível presenciar durante todo o meu percurso. Assim, como tinha sido o primeiro contato com crianças do ensino fundamental, queria entender mais sobre o autismo. Quais são os desafios e possibilidades encontradas pelos docentes.

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o autismo pode ser definido como:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (*AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION*, 2014, p. 31).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância. São elas: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger.

Conforme a lei nº7.853/89, a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita assegurada por lei, preferencialmente na rede regular de ensino e, se for o

caso, à educação adaptada às suas necessidades em escolas especiais. Nessa direção, a presente pesquisa tem como objetivo, investigar quais são os principais desafios, bem como, as possibilidades encontradas pelos professores de educação física no cotidiano das aulas, no tocante a inclusão de crianças autistas.

De forma específica, propôs-se: analisar os documentos que orientam a educação especial e a educação física no município de Vitória; descrever e analisar os desafios e possibilidades encontrados por dois professores de educação física no tocante à inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

De acordo com o manual diagnóstico e estatística de transtornos mentais, o TEA apresenta-se em 3 níveis de dificuldades, conforme podemos analisar na tabela ( TABELA 1) abaixo.

Tabela 1- Níveis associados a classificação do TEA

Nível 1 (exige apoio) Leve	Nível 2 (exige apoio substancial) Moderado	Nível 3 (exige apoio muito substancial) Severo
Déficit na comunicação social causando prejuízos notáveis nas interações sociais; interesse reduzido por interações sociais.	Déficit grave na comunicação verbal e não verbal, o que causa prejuízos no funcionamento e limitação nas interações sociais.	Déficit grave na comunicação verbal e não verbal, causando prejuízos graves de funcionamento e grande limitação nas interações sociais.
Inflexibilidade de comportamento, dificuldade em trocar de atividade, obstáculos para independência.	Inflexibilidade de comportamento, dificuldade em lidar com mudanças, comportamentos restritos\repetitivos que interferem no funcionamento.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com mudanças, comportamentos restritos\repetitivos que interferem acentuadamente no funcionamento.

Fonte: American Psychiatric Association (2014, p. 52), adaptado pelas autoras.

Com base no Manual de DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DE TRANSTORNOS MENTAIS, foi elaborado uma tabela, conforme podemos analisar abaixo ( TABELA 2), sobre as classificações do TEA.

Tabela 2- Classificação do TEA

Características	Idade de manifestação	Diagnóstico diferencial
Prejuízo no desenvolvimento da interação social e comunicação. Pode haver atraso ou ausência do desenvolvimento da linguagem. Naqueles que as	Antes dos 3 anos de idade	Prejuízo no funcionamento ou atrasos em pelo menos 1 das 3 áreas: interação social; linguagem para comunicação social; jogos simbólicos ou

possuem, pode haver uso estereotipado e repetitivo.		imaginativos.
---	--	---------------

Fonte: Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais ( DSM.IV )

O TEA, de acordo com Cunha (2013) é um transtorno que prejudica o comportamento e o cognitivo da criança, e por isso, uma das deficiências destacadas é a “capacidade sensorial” em que a criança apresenta hipersensibilidade aos estímulos do ambiente, tornando tanto a audição quanto a visão, bastantes sensíveis.

O transtorno do espectro autista é o termo atual para se referir ao autismo, popularmente, se caracteriza por um quadro clínico em que prevalecem prejuízos na interação social, nos comportamentos não verbais (como contato visual, postura e expressão facial) e na comunicação (verbal e não verbal), podendo existir atraso ou mesmo ausência da linguagem.

Scheuer e Andrade (2007) reportam-se à afirmação de Baron-Cohen de que o autismo é como uma cegueira mental, que impede o sujeito de ter conhecimento da mente dos outros e da própria mente, e, com isso, a incapacidade estende-se também aos sentimentos e emoções.

O termo “Transtorno do Espectro do Autismo” passou a ser usado a partir de 2013, na nova versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, publicação oficial da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-5, quando foram fundidos quatro diagnósticos sob o código 299.00 para TEA: Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação e Síndrome de Asperger.

Os indivíduos com TEA podem apresentar diferenças entre si. Entretanto, existem algumas manifestações que possuem características comuns, como: alterações da comunicação, da imaginação e da interação social, padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, comportamentos como movimentar os braços, emissão de sons repetitivos, falta de comunicação visual.

É de extrema importância a presença dos pais nesse processo, pois, a criança precisa de contatos dentro e fora de casa. Com isso, a criança autista consegue se desenvolver, fazendo com que cada vez mais se sinta independente de fazer as coisas sozinho e sem ajuda. Belisario Junior e Cunha relatam que:

As relações afetivas e sociais, desde os primeiros vínculos de cuidado com a família até as interações em ambientes mais amplos como a escola, estão implicadas no desenvolvimento das funções mentais de crianças com TEA (BELISARIO Jr & CUNHA, 2010, p. 27).

Para Cunha (2015) a figura dos pais para a criança com autismo é muito importante, pois é por meio da imitação que a criança poderá criar um modelo a ser seguido, enfatizando que a educação realizada na educação familiar é extremamente relevante. Assim, é importante que a criança com autismo possa desenvolver pequenas atividades diárias. O essencial não é fazê-lo aprender da mesma forma que as outras crianças, mas que possa desenvolver o convívio social ao exercer atividades corriqueiras. Sobre esse fato, Cunha (2015, p. 34) destaca que:

Para o aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanta a capacidade acadêmica, mas sim aquisição de habilidades sociais e autonomia. A atribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente previamente preparado. Para que a criança autista não se torne um adulto

incapaz de realizar tarefas simples do dia a dia, precisa aprender diversas atividades que a tornará mais independente durante seu crescimento.

De acordo com Bagarollo (et al. 2013, p.110), “ as crianças autistas, assim como todas as outras, podem desenvolver capacidade para a atividade lúdica. ” Por isso, é importante introduzi-los nas aulas de educação física, pois, quando a criança possui hiperatividade, a música, os brinquedos e até a brincadeira, parques, lugares ao ar livre, são lugares que deixam as crianças autistas calmas.

As crianças com TEA, geralmente encontram desafios para realizar atividades lúdicas, o que vai dificultar na vida em diante. O transtorno do espectro autista (TEA), como é o termo usado para diferenciar o autismo das demais, não é um laudo fácil emitir, pois, até hoje, não se sabe a causa. Porém, estudos apontam que podem ser por motivos hereditários, genéticos ou ambientais.

## 2.2 A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Um dos assuntos mais discutidos é a inclusão de crianças com deficiência, pois, é o que estava acontecendo e o que historicamente acontecia ou continua acontecendo atualmente nas escolas. De acordo na educação básica, (FALKENBACH;LOPES, 2010; FIORINI; MANZINI, 2014), relata que há uma certa dificuldade em incluir alunos com ou sem deficiência na mesma sala, acontece quando não tem um certo preparo para lidar com um grupo de alunos com deficiência e quando há um número crescente de estudantes com autismo, motivos esses que o trabalho planejado pelos professores não avancem.

Antigamente, as pessoas com deficiência eram vistas como invisíveis, não existiam para a população. Bebês que nasciam, eram mortos ou abandonados. Não eram aceitos pela sociedade. Eram tratados como um inútil, que não são capazes de seguir na vida.

Foi a partir do século XX, que isso começou a mudar, as crianças com alguma deficiência física, mental, intelectual, vem sendo aceitas e inclusas pela sociedade. São pessoas como qualquer outra, tendo seus direitos de ir e vir, direito de educação. As pessoas com deficiência física e mental eram tratadas como possuídas por demônios e queimados como bruxas.

De modo geral, os discentes devem ser vistos como ativos e não se pode rotular nem esconder este sujeito da sociedade, na verdade ao incluir este sujeito no ambiente escolar, procura-se transformar a realidade dos mesmos. Freire (1996, p. 47), nos ajuda a entender que, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Portanto, ensinar a educação com inclusão é de extrema importância, pois ajuda no processo de ensino-aprendizagem da criança. Fernandes (2008) destaca que:

“O corpo da criança autista movimenta-se num tempo eterno, infinitamente, sem pausa, num espaço sem limites, sem um lugar no qual possa orientar, navegando no vazio próprio da coisa inerte”. (p.112).

A criança autista não consegue ficar muito tempo fazendo tal coisa, tipo fazer atividades de colagens no caderno, pinturas com tinta, entre outros. Visto que, é raro

quererem fazer, pois se sentem presos em um só lugar. Quando se tem lugares ao ar livre na escola, como parques, jardim, pátio, que ele consiga se sentir solto, livre.

Conforme (SCHLIEMANN, 2013, p. 21), a prática de atividade física garante benefícios não só para a saúde, mas também melhora o desenvolvimento físico, motor, fazendo com que a pessoa tenha um bem-estar.

[...] melhor rendimento físico, melhor conhecimento das capacidades de seu corpo, melhor representação do seu corpo na relação com o ambiente externo, melhora comunicação e socialização com os companheiros de equipe e adversários através dos jogos coletivos (MASSION, 2006 p. 243).

Conforme o documento do Ministério da Educação “ Por uma política curricular para a educação básica: contribuição ao debate da base nacional comum a partir do direito à aprendizagem e ao desenvolvimento”, aponta que o movimento corporal além de fazer bem para a saúde, é uma forma do ser humano se socializar com o próximo.

Por isso, o papel do professor de educação física é planejar idas á parques, clubes, onde as crianças possam ter a liberdade de brincar em outros lugares, não sendo só na escola. O que faz com que eles se socializem com os demais de sua turma e também se sinta propriamente livre para poder fazer o que quiser.

A Lei 13.146/2015 de inclusão que foi aprovada em 6 de julho de 2015, garante que as pessoas com deficiência tenham direitos próprios justamente para que as igualem perante a sociedade e as deixem no mesmo nível de convívio, locomoção, atendimentos em órgãos públicos, garantia de ensino na mesma qualidade e capacitação e inclusão profissional. Conforme as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, a educação física é:

Nesta perspectiva, o componente curricular da Educação Física possibilita que os estudantes apreciem e desfrutem da pluralidade de práticas corporais, compreendendo suas características e a diversidade de significados vinculados à origem e à inserção em diferentes épocas e contextos socioculturais. E, na mesma linha, propõe aos estudantes envolverem-se na preservação de manifestações da cultura corporal de movimento e de outras épocas como forma de constituir a memória cultural e torná-la acessível às novas gerações[...].

### 3. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa, pois, exige que o leitor faça uma observação mais detalhada e aprofundada, podendo propor ao leitor a conhecer mais sobre o tema abordado e assim poder melhor compreender e se aprofundar no tema proposto.

Nesse caminho, na presente pesquisa, buscamos inicialmente realizar um levantamento bibliográfico acerca do tema proposto. Foi feito um levantamento no banco de dados do google acadêmico, utilizando as palavras-chave: educação física escolar, transtorno do espectro autista (TEA) estabelecendo um corte temporal de dez anos, ou seja, foram identificados artigos que versam sobre a temática publicados no

período compreendido entre 2010 e 2021, foram selecionados seis artigos mediante análise do resumo e finalidade do mesmo.

Dando sequência, propôs-se a realização de uma pesquisa de campo em duas escolas localizadas na capital, sendo proposta a realização de uma entrevista semiestruturada com dois professores de educação física. Nesse caminho, foram analisados os documentos que norteiam a educação municipal de Vitória, especificamente as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, e o Documento Orientador da Educação Especial da Rede Municipal de Vitória.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A EF ESCOLAR E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA A LUZ DA BIBLIOGRAFIA PRODUZIDA NA ÁREA.

Foram encontrados seis artigos relacionados aos temas educação física escolar, autismo e inclusão. Trabalhos esses que relatam sobre inclusão de pessoas com deficiência, conforme podemos analisar na tabela abaixo ( TABELA 3) que no caso deste artigo, se concentra mais em crianças com o TEA.

Tabela 3- Produção acadêmica analisada

TÍTULO	AUTORES	ANO	OBJETIVOS
A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar	Dias e Borragine	2020	Compreender as dificuldades encontradas pelo professor de educação física ao incluir um aluno TEA em suas aulas.
Educação física, transtorno do espectro autístico (tea) e inclusão escolar: revisão bibliográfica	Brenda Salenna da Silva Maranhão Moises Simão Santa Rosa de Sousa	s/d	Discutir possíveis metodologias inclusivas para a orientação de alunos com TEA.
A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento	Jose Ferreira Belisário Filho Patricia Cunha	2010	Contribuir para o desenvolvimento de práticas inclusivas na educação escolar de alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento - TGD.
Educação física escolar e inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo	Calleg Rangel de Oliveira	2017	Analisar na literatura o que tem sido produzido de estudos que enfoquem a inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física e identificar práticas que podem ser uteis para auxiliar os professores nesse processo.
A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular	Natália Maria Madureira Ferreira	2017	Contribuir para a elaboração de uma abordagem pedagógica nas aulas de educação física.
Características dos alunos com transtorno do espectro do autismo que o professor de educação física precisa compreender para	Walk Loureiro Lucas Borges Soeiro Paulo Pires de	2019	Apresentar experiências de boas práticas de inclusão.

desenvolver um trabalho inclusivo	Queiroz		
-----------------------------------	---------	--	--

Fonte: Própria autoria

Documentos esses que tematizam sobre a inclusão nas aulas de educação física com crianças que apresentam transtorno do espectro do autismo ( TEA ), cita também a importância da educação física nesse processo de inclusão. E também o que o atendimento da educação especial pode contribuir nesse desenvolvimento á respeito de crianças autistas.

O termo autismo foi usado pela primeira vez em 1911, por Bleuler, para definir a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Os estudos dos casos foram aumentando, Léo Kanner, médico vienense e Hans Asperger médico austríaco, dois médicos que pesquisaram casos sobre autismo, com crianças.

Kanner identifica como a principal característica do autismo “a incapacidade para relacionar-se normalmente com as pessoas e as situações.” Em 1943, Léo Kanner observou 11 crianças que passaram por sua consulta, a partir dessa conclusão, escreveu o artigo: “ Os transtornos autistas do contato afetivo.”

Asperger se preocupava com o aspecto educacional, percebe também que o principal fundamento está na criança se limitar de suas relações sociais, pois tem sua personalidade através da sua limitação. Conforme os estudos de caso, foram se diferenciando, surgiu dois quadros distintos: o autismo de Léo Kanner e o transtorno de Asperger.

De acordo com os autores, o termo estereotipia são movimentos repetitivos, ou ate mesmo, a fala. Movimentos repetitivos esses que impedem da criança autista de se socializar com os demais de sua turma.

#### **4.1.2 Documentos orientadores da Educação Especial e da Educação Física Escolar municipal de Vitória- ES**

O documento orientador da educação especial do município de Vitória, nos presenteia com as principais instruções para podermos trabalhar a inclusão com crianças e estudantes com TEA. E no documento das diretrizes curriculares do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos ( EJA ).

Sendo assim, nesse documento orientador da educação especial é possível abordar e entender a temática que cabe saber a respeito das crianças\estudantes com TEA. Em relação ao documento, cabe destacar, orientações pedagógicas para a inclusão escolar entre crianças\estudantes com autismo.

Como por exemplo, o trabalho colaborativo que é um projeto entre professor regular e o da educação especial, pois, as professoras junto com a gestão escolar planejam um trabalho adaptado para os estudantes com TEA, sabendo das dificuldades e desafios de cada um.

De acordo com o documento Política Municipal da Educação Especial, conforme a Constituição Federal do Brasil de 1988, no artigo 205, visa também os direitos dos

alunos com deficiência, a educação é direito de todo ser humano, e é dever do estado garantir acesso a todos. Sendo assim, os alunos com deficiência, estão seguros, terão auxílio de uma (o) professor especializada, currículos, recursos educativos, acesso igualitário com benefícios dos programas sociais.

Conforme a lei nº12.764\2012, sancionada em 28 de dezembro de 2012, chamada de Lei Berenice Piana, passou a assegurar que “ a criança com TEA é considerada uma pessoa com deficiência para todos os efeitos legais”. " Quer dizer que a criança com deficiência têm os mesmos direitos de uma pessoa sem deficiência.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação destaca, foi criada a lei nº 5.692\71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir “tratamento especial” para os alunos com “deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados.”

No Brasil, foram criadas duas instituições pensando no público da educação especial, no início do Império: IBC (instituto Benjamin Constant), que era específico para os cegos (deficiência visual) em 1854; INES (instituto nacional da educação dos surdos) em 1857.

No início do século xx, aproximadamente em 1926, foi fundado o Instituto Pestalozzi, a qual foi criado com a intenção de se especializar em atendimentos á pessoas com deficiência mental. E em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos Excepcionais, a qual se intitula a famosa APAE. Hoje, temos várias opções de acesso para as pessoas com deficiência, conforme for a deficiência da criança.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, no artigo 59, prescreve que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades.

Diante da Política Municipal de Educação Especial, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006, decreta que todos os Estados-Partes devem garantir um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta da plena participação e inclusão, adotando medidas para garantir que:

- As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;
- As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem.

No mesmo ano, em 2006, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Os Ministérios da Educação e da Justiça, junto com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), divulgam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que tem por objetivo, contemplar no currículo da educação básica, temáticas relativas ás pessoas com deficiência e também desenvolver ações afirmativas que possibilitem acesso e permanência na educação superior.

Com base no documento acima citado, podemos refletir sobre o que vem

acontecendo na educação básica seja ela municipal ou nacional. As crianças com deficiência tem o direito do ensino regular, possuem também o direito do atendimento da educação especial. E conforme as análises referente aos documentos, veremos a seguir, o ponto de vista de dois professores de educação física, a qual um leciona na EMEF Aristóbulo Barbosa Leão e o outro EEEFM Hildebrando Lucas.

#### **4.1.3 A perspectiva dos docentes acerca dos processos de inclusão de crianças com TEA nas aulas de educação física.**

Foi realizada uma entrevista com dois professores de educação física em uma escola de ensino fundamental e outra do ensino médio localizada na Grande Vitória. Foram entrevistados dois professores, o professor 1 formado em licenciatura plena em educação física no ano de 2007 pela Universidade Federal do Espírito Santo, doutorado em biociências e saúde, leciona na educação desde 2008, e não se especializou na educação especial, porém escreve textos na área. O professor 2 formado em educação física plena na Universidade Federal do Espírito Santo de 2005 á 2009, leciona na educação durante 22 anos e nunca fez curso na área da educação especial.

Foi perguntado sobre sua graduação, se teve alguma disciplina sobre educação física para crianças com deficiência, o professor 1 relata que teve disciplina para pessoas com deficiências, mas, segundo o mesmo, não ajudavam em nada em relação ao TEA, pois era um tema desconhecido na época. Já o professor 2, relata que teve sim uma disciplina, mas que pouco foi falado sobre crianças com TEA. O transtorno do espectro autismo (TEA), ainda não era um tema muito conhecido naquela época, haviam casos e casos, porém, os médicos não sabiam identificar o que era. Foi aí que foram aparecendo diversas causas, o que pode estar relacionado na herança genética relacionado a elementos ambientais. (CAMARGOS Jr *et al.*, 2005) aponta que:

No que concerne à área da Educação Física, a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, por meio da Resolução número 03/87, do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física com o portador de deficiência e outras necessidades especiais. A nosso ver, esta é uma das razões pelas quais muitos professores de Educação Física, hoje atuando nas escolas, não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física Adaptada ou à inclusão (CIDADE; FREITAS, 2002, p. 27 *apud* AGUIAR; DUARTE, 2005, p. 224)

Sobre as estratégias utilizadas para as crianças com TEA nas aulas de educação física, o professor 1 cita que as estratégias usadas são a demonstração (se eu apenas verbalizar, nem mesmo os sem autismo entendem perfeitamente). Já houveram casos nos quais usei cartões\desenhos das atividades e das ações a serem executadas para facilitar a compreensão.

A mesma pergunta foi feita para o professor 2, a qual declara que faz tempo que não trabalha com criança autista em sala de aula. Ele destaca que o ideal é criar uma rotina, isso irá favorecer não só a criança como também a turma. É importante criar uma relação de confiança com ela e trabalhar recursos que a inclua nas aulas.

Segundo o professor, na época que tinha, usava muitos desenhos, fotos, material esportivo e brinquedos com crianças.

Essa ideia vai de encontro com Tomé (2007), ele relata que o dever do professor de educação física tem de insistir e ter paciência para elaborar um plano de aula estruturado para o autista, pois assim, desenvolverá um vínculo positivo com os demais de sua turma, ajudando na interação, comunicação e inclusão, preservar as atividades de sua rotina e trabalhar no desenvolvimento de sua independência. Belisário Júnior e Cunha (2010) ressaltam que:

Na inclusão escolar a criança com TEA tem a oportunidade de vivenciar a alternância entre aquilo que acontece todos os dias da mesma forma e aquilo que acontece de forma diferente. Essa alternância permite o acúmulo de experiência que irá tornar o ambiente social menos imprevisível.

A rotina é uma forma adequada do aluno com TEA de se deixar experimentar outras atividades no dia a dia. Não só as que ele tem dentro de casa, mas sim, dentro da escola. E com isso, vai adquirindo mais conhecimento, e também a sua relação com o próximo, que com o tempo, se tornará menos desafiador.

Em geral as crianças com TEA têm grande apego à rotina e, por conseguinte, apresentam muita dificuldade para tolerar alterações em suas atividades cotidianas (Klin, 2006), pois apresentam padrões de comportamento e interesses fixos em atividades bastante restritas e comportamentos repetitivos.

Portanto, a criança com autismo, precisa ter uma sequência de atividades que vão ajudar a desenvolver melhor suas habilidades motoras grossas e finas, superando assim, a si mesmo. Com auxílio dos responsáveis nesse processo, proporcionando melhor qualidade de vida para as crianças com TEA.

A respeito da importância da rotina para crianças com TEA, o professor 1 menciona que tenta levar a rotina na hora de fazer o planejamento, porém, na organização das aulas, a educação física acontece apenas uma vez na semana, acaba que a educação física funciona com essa quebra de rotina de tudo o que a criança faz nos outros dias na escola. Na opinião do professor 2, a rotina é imprescindível para lidar com crianças autista.

A fala dos professores vai de encontro com a ideia de Belisário Júnior e Cunha (2010), que relatam a importância dos primeiros dias na escola dessas crianças, registrando que é fundamental ter em mente que a experiência escolar deve entrar o quanto antes no cotidiano dos indivíduos com TEA. Belisario Junior e Cunha destacam que:

A importância dos primeiros dias na escola dessas crianças, registrando que é fundamental ter em mente que a experiência escolar deve entrar o quanto antes no cotidiano dos indivíduos com TEA, sem retirar a naturalidade do ambiente.

E sobre os maiores desafios e possibilidades em relação a crianças com TEA nas aulas de educação física, o professor 1 conta que os maiores desafios são com as crianças com TEA severo, pois, segundo ele, na maioria das vezes não sabe como entrar no mundo desses sujeitos e estabelecer a comunicação necessária. Quanto às demais, Segundo o professor, o desafio é pequeno (e fica mais no conseguir descobrir algo que eles gostam – tema ou objeto para conseguir a atenção\ participação desses sujeitos). Garcia-Villamisar e Pozo Armentia (2016) apontam que:

Garcia-Villamizar e Pozo Armentia (2016) apontam que a ansiedade é uma comorbidade comum entre as pessoas com TEA, uma moléstia que pode gerar estados de irritação, inquietude, agitação e até mesmo de agressividade em situações mais extremas. Por conta dessa peculiaridade, ficar inativo, esperando durante um longo espaço de tempo, acaba sendo uma dificuldade destacada das pessoas com TEA (BOADA MUÑOZ, 2011), uma particularidade que pode provocar o agravamento em seu estado de ânimo, causando quadros de ansiedade e agitação.

Para que o professor de educação física alcance o seu trabalho, é possível primeiramente, estudar sobre artigos, textos, trabalhos no que diz respeito ao transtorno do espectro do autismo, pois, isso aumenta o seu conceito. E caso não tenha, é necessária uma biografia, para que o professor de educação física junto com a formação docente, planejem um trabalho inclusivo.

Já na opinião do professor 2, o maior desafio é conseguir o entrosamento dessa criança com o restante da turma, pois na maioria das escolas públicas, pelo menos nas aulas de educação física, existe a tendência de que o cuidado a leva para fazer atividades extras na sala de atendimento especializado. Essa prática comum precisa ser repensada, no que se refere ao professor de educação física, tencionar essa pratica, de forma a garantir o direito da criança de participar das aulas com o restante da turma, garantido assim que os processos de inclusão sejam efetivados.

A opinião dos professores acima se associa com Lopes (2011), ele cita que o comprometimento do professor de educação física é ideal na vida de qualquer pessoa, ainda mais quando se trata do TEA. Cabe ao professor de educação física saber lidar, estudar sobre, para que em sua aula, utilize métodos ideais, estratégias para buscar um melhor aperfeiçoamento das capacidades físicas e cognitivas, na comunicação, interação e autonomia dos mesmos.

Camargos Jr *et al* (2005, p. 149), cita que o aluno precisa de acompanhamentos médicos como fonoaudiólogos, terapeutas educacionais e um professor de educação física, para que ele possa trabalhar as habilidades motoras finas e grossas. Por isso, é importante o professor de educação física estar presente nesse processo.

Segundo Aguiar e Duarte (2005), através do princípio da Inclusão, a Educação Física escolar deve centralizar o aluno, podendo assim desenvolver as competências dos mesmos, dando a eles possibilidades de acesso aos conteúdos que propõe. Sendo necessário assim, adotar estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação do educando.

Sendo assim, é o professor de educação física que deve ser o principal mediador, pois é ele quem deve intervir para que a turma interaja. Pontos que o professor de educação física deve apresentar para proporcionar um trabalho cooperativo. (BRASIL, 1998, p. 15) cita que:

A sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência (BRASIL, 1998, p. 15).

Conforme a disciplina de educação física, ela pode contribuir para a reflexão da prática pedagógica, com o princípio da inclusão para alunos com TEA (LISSAUER *et al*, 1997 *apud* HOLLERBUSCH, 2001, p. 49) destacam que:

Ao longo das últimas décadas muitas têm sido as abordagens propostas para intervir nestas crianças e suas famílias. Não há um tratamento específico. Existem muitas abordagens individualizadas para o autismo dependendo do autor, escola ou grupo de cada um. Os resultados variam mas em última análise, nenhum deles sobreviveu ao implacável teste do tempo. Basicamente diferentes foram o empenho e o entusiasmo por este ou por aquele método, levando a resultados conflituosos e à não supremacia de uma abordagem terapêutica sobre outra (LISSAUER *et al*, 1997 *apud* HOLLERBUSCH, 2001, p. 49).

E em relação aos métodos que possam ser usados para crianças com TEA, (VARANDA, 1998 *apud* HOLLERBUSCH, 2001, p. 51) citam que:

As intervenções educacionais incluem os seguintes métodos: Uso de reforço positivo, como elogio ou apresentação de objetos do seu agrado ou mesmo de comida, para tentar corrigir os comportamentos. Análise cuidada dos acontecimentos que precedem ou se sucedem aos comportamentos desadequados da criança para que se possam identificar e alterar as ocorrências que parecem contribuir para reforçar esses desvios do comportamento. Simplificar as instruções e moldar as respostas numa série de pequenos passos: encadear as respostas individuais numa sequência de ações como, por exemplo, vestir uma camisola, enfiando primeiro um braço e finalmente o outro; reforçar sistematicamente as respostas adequadas; treinar intensamente a discriminação entre os diferentes pedidos que lhe são feitos. Dirigir-se a múltiplos défices em vez de focar um único, uma vez que é frequente que a mudança de um determinado comportamento tenha repercussões nos outros (VARANDA, 1998 *apud* HOLLERBUSCH, 2001, p. 51).

A criança autista precisa de um incentivo, ou até mesmo uma troca. Exemplo: “Se você fizer essa atividade, te levo para o parque”. Porque assim, mesmo havendo uma troca, ela vai entender que primeiro vem a atividade e depois o lazer. E, conseqüentemente, vai aderir a essa prática, conforme for apresentando coisas que gosta de comer, ou objetos, ir a lugares ao ar livre, que tenha água ou areia, o que vai motivar ela daqui para frente.

Todo professor precisa ter em mente o que quer trabalhar e ensinar para seus alunos. Para isso, é fundamental que o professor planeje os conteúdos ou suas aulas (BRASIL, 1997). São várias as possibilidades que um professor de educação física pode trabalhar com crianças que possuem deficiência.

A dança, os jogos e brincadeiras, atividades específicas que vão estimular as habilidades motoras finas e grossas, e possivelmente trabalhar o social não só com os colegas, mas também com outras crianças que fazem parte do seu dia a dia.

Muitos professores de educação física também planejam suas aulas em cima da hora, ou faz o famoso “rola a bola.” Como a disciplina é na maioria das vezes ao ar livre, na quadra, muitos se queixam de não ter a estrutura adequada ou até mesmo a falta de materiais esportivos.

A inclusão de alunos com TEA em escolas regulares de ensino, portanto, possibilita sua interação social, estimulando o desenvolvimento da mente e da função executiva dessas crianças. O papel da educação é tornar o indivíduo com TEA o mais independente possível, capacitando-o a viver de maneira igual aos demais (BELISÁRIO Jr & CUNHA, op. cit.)

Belisario Junior e Cunha, citam que a inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares de ensino, contribuem para o desenvolvimento mental e o cognitivo. O que facilita a independência do autista, vai aprender a sobreviver sem ajuda dos familiares, portanto, vai ser uma pessoa igual aos outros. Sem precisar se excluir dos lugares, atividades nas aulas de educação física.

Desse modo, o ponto mais importante para que haja desenvolvimento e formação social no espaço escolar e muita atenção às diferenças e individualidades das crianças, não discriminando, inferiorizando e isolando o portador do transtorno (MANTOAN, 2006). Assim, a inclusão de alunos com TEA, será um fato realizado com ajuda dos que se propuseram a dar uma nova história para a educação escolar. E, também devidamente aos professores de educação física formados na área e que tenham um estudo sobre crianças com TEA, para que assim, possam trabalhar e obter um resultado positivo acerca de inclusão com alunos/as autistas.

A Educação Física escolar é importante, pois contribui em aspectos relacionados à formação geral como o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, visando também o hábito da prática das atividades físicas como sendo fundamentais para uma vida saudável. As atividades, por muitas vezes são realizadas em forma de jogos e brincadeiras, de forma lúdica, o que desperta o prazer da criança para sua prática (FELLIPE; JUDITH, 2010).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principais problemas os desafios e possibilidades encontradas por professores que lecionam na Grande Vitória, acerca da inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física. No que diz respeito aos desafios, as falas dos professores são bastante comuns entre os professores entrevistados, em relação a necessidade de entreter a criança autista do grau severo com os demais de sua turma, principalmente nas aulas de educação física.

E também, não saber como trabalhar com esse grupo, pois, antes não se ouvia falar em autismo, e por não ter estudos sobre o assunto. Acerca dos objetivos, não foram alcançados, devido a falta de estudos sobre o autismo, sem estudo, não há conhecimento, dificultando a inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física.

E sobre as possibilidades, é necessário incluí-los nas aulas de educação física para assim, pensar no que o professor pode propor para seus alunos com autismo, que

assim possam interagir com os colegas que fazem parte de sua turma. Não só interagir como se desenvolver fisicamente, trabalhar suas habilidades motoras.

Com os resultados obtidos, podemos pensar uma outra maneira de incluir esses alunos autistas nas aulas de educação física, visto que, a disciplina em si, é propriamente apta para que os alunos tenham a vivência de se socializar com os outros, o que faz com que juntos estabeleçam um vínculo mais afetivo. Além de capacitar o seu desenvolvimento motor, cognitivo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR & DUARTE. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO (TEA) E INCLUSÃO ESCOLAR: Revisão Bibliográfica. Pará. n.3,p.13,2017.

BELISARIO JUNIOR; Cunha. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO (TEA) E INCLUSÃO ESCOLAR: Revisão Bibliográfica. Pará. n. 5, p.9, 2017.

BRASIL. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO (TEA) E INCLUSÃO ESCOLAR: Revisão Bibliográfica. Pará. n.2, p.13, 2017.

DIAS, H.L.A.B. *A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar*. 2020. 12f. Artigo.(Ciências biológicas e Saúde)- Faculdade Estácio de Carapicuíba, SP, 2020.

FERNANDES. *A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular*. BRASÍLIA. n.2, p.6, 2020.

GRAUS DE AUTISMO. **Quais são e o que cada um significa**. SP. 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/graus-de-autismo/> >. Acesso em: 01 dez.2022

LISSAUER ET AL apud, Hollerbusch. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO (TEA) E INCLUSÃO ESCOLAR: Revisão Bibliográfica. Pará. n.4, p. 13, 2017.

LEI BERENICE PIANA: **conheça a lei que prevê direitos dos autistas**. SP.2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/lei-berenice-piana/> >. Acesso em: 09 set.2022

LEI BRASILEIRA de Inclusão da Pessoa com Deficiência. SP.2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm)>. Acesso em: 10 set.2022

MARIA, N.M.F. *A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular*. 2017.29f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em educação física) – Faculdade de ciências da educação e saúde Centro Universitário de Brasília, BRASÍLIA, 2017.

OLIVEIRA, Calleb Rangel. *EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO*. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação da Universidade Federal de Pelotas, RS, 2017.

SAVALL, A.C. *Transtorno do espectro autista: do conceito ao processo terapêutico*. 2018. 152f. Trabalho de Conclusão de Curso. ( Núcleo de Estudos e Pesquisas ) – NESPE- Fundação Catarinense de Educação Especial, Santa Catarina. 2018

SILVA, Brenda. *Educação Física, transtorno do espectro autístico (TEA) e inclusão escolar : Revisão Bibliográfica*. Maranhão, p.1,17.

SOUZA, R.L. *A inclusão na educação física do aluno com transtorno do espectro autista*. 2021. 71f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário AGES, BA, 2021.

SPERANDIO .*Política Municipal de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva*.2018.Vitória.

\_\_\_\_. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva*. 2007, SP.